

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 30 DE MARÇO DE 1995

*Senhor Ministro José Eduardo de Andrade Vieira; Senhor Governador do Rio Grande, Antônio Britto; Senhor Deputado Hugo Biehl; Senhores Senadores; Senhores Deputados; Senhor Hugo Paz, Vice-Presidente da CNA; Senhor Líder do Governo; Senhores Representantes de entidades do setor rural; Prefeitos; Senhoras e Senhores;*

Quero, em primeiro lugar, agradecer a presença de todos aqui. Pode parecer estranho que o Presidente da República agradeça a manifestação de pessoas que têm reivindicações. Mas eu acho que isso é que é democracia. Se o Presidente não souber a quantas anda cada setor do País, não terá como tomar decisões adequadas.

Agradeço, mais do que isso, o modo como foram trazidas as reivindicações: construtivamente apontando os problemas, mas também apontando soluções. E confiando. Confiando, em primeiro lugar, no povo brasileiro, em nós próprios, como cidadãos, nos agricultores deste país, e digo que o Governo vai ser sensível, e é sensível às questões que foram aqui levantadas.

Não adianta tapar o sol com a peneira. Eu conheço a situação. Fui Ministro da Fazenda, sou pequeno produtor e sei das dificuldades. Tenho a mesma antipatia que todo produtor rural tem pela TR aplicada aos créditos agrícolas, antipatia que veio do tempo em que era Ministro da Fazenda. E posso lhes dizer que o Governo está empenhado em uma solução, na linha do que disse o Ministro Antônio Britto, que seja de verdade para a agricultura brasileira.

Não vou fugir a responder sobre certos itens que aqui foram postos, pois eu gosto sempre de – talvez o velho hábito de ter sido professor por tantos anos – explicar por que eu penso assim ou assado; e acho que é, também, dever do Governante prestar contas ao País.

Não há dúvida nenhuma de que estamos, hoje, no Brasil, numa fase importante, promissora e ao mesmo tempo delicada. Promissora porque a estabilização que foi conseguida até agora deu um alívio ao País. O próprio fato de nós, hoje, termos essa safra tão grande é, no fundo, um ato de crença. E, como foi dito pelo Doutor Paz, é uma safra que cresceu porque aumentou a produtividade, não porque aumentou a área plantada. Aumentou a produtividade. As pessoas continuam investindo. Já estavam mal o ano passado, mas continuaram investindo.

É claro que nós tivemos sinais muito auspiciosos. O consumo aumentou muito no Brasil, o consumo de pão aumentou enormemente no Brasil. Outro dia, uma pessoa de uma família de produtores de cimento me disse uma coisa que me impressionou muito: que, nesse conjunto de fábricas, teve que fazer saco de cimento de um quilo, porque é o pobre que está comprando cimento para melhorar sua casa. Isso é fruto da estabilização. A estabilização da economia imediatamente colocou à disposição dos brasileiros uma massa de renda que era apropriada pelo Governo e pelo sistema financeiro. Isso está à disposição, são 12 a 15 bilhões de reais que estão aí à disposição. Então, isso deu um alento ao Brasil.

Devo dizer também, e não adianta de novo tapar o sol com a peneira, que o horizonte que havia o ano passado não há este ano – não no Brasil: internacionalmente. Todo mundo lê os jornais, e eu, até por dever de ofício, leio os jornais internacionais e vejo que em toda parte

os governos estão tomando as medidas pertinentes para que se possa assegurar a estabilidade da economia e a prosperidade. Às vezes as medidas são antipáticas. Se me perdoam uma pequena reflexão de quem já viveu processo parecido com o que estamos vivendo agora: uma estabilização que parecia que ia dar certo e não deu – a nossa dá – foi no Plano Cruzado; houve um momento em que as medidas deviam ter sido tomadas e não foram. Como dizia o Conselheiro Acácio, as consequências vêm sempre depois, mas vêm. Eu tomo as medidas. Elas podem ser duras, impopulares, podem ferir interesses, mas acho que tenho obrigação de olhar o horizonte. E nós estamos pilotando a nossa economia olhando lá adiante o que vai acontecer, o que pode acontecer e resguardando a nossa condição de manter a estabilização, sem a qual nós sabemos que não há solução.

Bom, então, neste momento – e disse bem de novo o Governador Britto –, nós precisamos de algumas reformas, precisamos dar o sinal ao mundo e ao Brasil de que é para valer, de que o equilíbrio orçamentário que nós conseguimos – e já o temos conseguido há algum tempo – não será precário, será um equilíbrio estável. E me entristeceu muito, outro dia, numa discussão no próprio Ministério, ouvir, de novo, o Ministro da Fazenda dizer o que eu disse um ano atrás, ou seja, que o Governo Federal arrecada cerca de 6 bilhões de reais por mês, e, desses seis, por verbas vinculadas, por transferências para estados e municípios, sobra um bilhão; e desse um bilhão vão 550 milhões para os convênios da saúde. E é pouco. Portanto, sobram 450 milhões para toda a administração pública.

Nós temos que alargar isso, temos que fazer a reforma tributária, temos que resolver as questões da Previdência, temos que abrir espaço para investimento na economia brasileira. Precisamos do investimento privado. Não podemos continuar imaginando que o Governo possa investir, se ele não tem dinheiro – acabei de dizer –, não tem mais que 450 milhões de reais para todo o País e para todos os Ministérios. E alguns Ministérios dependem exclusivamente do Tesouro Federal, os Ministérios Militares, por exemplo, ou a Justiça – é dinheiro ali automaticamente.

Bem, então, precisamos ampliar o nosso horizonte de firmeza. Vi com muita preocupação os jornais dizendo, hoje, que eu teria determinado diminuir o ritmo das mudanças. Meu Deus do céu! Fui eleito para fazer reformas, eu vou fazer as reformas. E conto com o apoio dos senhores, preciso do apoio dos senhores. Com tranquilidade, com firmeza, mas também com coragem. Fazer reformas não quer dizer que um ponto de vista do Governo deva ser um rolo compressor. Sou um democrata. E, evidentemente, uma pessoa que tem experiência de vida sabe que, muitas vezes, o ponto de vista que o Governo pensa ser correto pode não ser; então, corrige-se – mas no convencimento, não na gritaria, não na recusa à discussão, não na recusa ao diálogo.

No caso da agricultura, não tenham os senhores dúvidas, nós vamos modificar o sistema de financiamento da agricultura. É impossível esse descasamento. É evidente, é visível, é impossível. Nós vamos promover a desindexação no Brasil. Não poderá ser uma desindexação momentânea, porque isso pode provocar outros desajustes. Mas essa é uma etapa que o Governo vai enfrentar agora, a da desindexação. E já estamos começando a fazê-lo, e faremos, o que significa que, no horizonte, a TR cederá a outros mecanismos mais adequados e mais compatíveis com o valor que se agrega na produção agrícola, e não é só agrícola, não: na produção brasileira.

É verdade, também, que os preços caíram, por sorte, ainda antes de chegarem aqui nestas telinhas que nos martirizam. Fiquei mais ou menos obcecado com isso, passo o dia inteiro vendo o que acontece: o preço da soja está razoável nos Estados Unidos, por volta de 10 dólares, 11 dólares, o que é um valor histórico, quer dizer, permite uma remuneração. Do milho nós tivemos uma grande produção. Hoje eu estava vendo um relatório de um americano sobre a produção brasileira. Ele mostra lá que houve uma enorme produção. Já disse o representante da CNA que, efetivamente, o paiol está cheio. Agora, isso provoca, sempre, uma queda de preços. A economia é uma coisa cruel. Aquilo que a gente faz para que aconteça, quando acontece, provoca certos desajustamentos. Se não houvesse isso, não precisaria de governo, o mercado sozinho resolveria.

Mas não é verdadeiro, sobretudo na agricultura, que ela possa funcionar sem que haja algum ajuste de política econômica. Não se pode dizer: deixa que é o mercado. Está bem, o mercado é o grande orientador. Não podemos fazer nada que contrarie o mercado, não podemos dar subsídios que levem à ruína do setor público. Temos que olhar com a atenção devida.

Eu próprio tive a iniciativa de convocar aqui, acho que a semana passada – os dias para mim passam tão atarefados que eu não sei se foi mesmo a semana passada, mas eu creio que sim –, o Ministro da Agricultura com os seus técnicos, o Presidente do Banco do Brasil, o Ministro da Fazenda – sugestão do Governador Britto, não é verdade? Eu os reuni para que nós começássemos a ter um caminho para resolver as questões de curto prazo.

A primeira é o milho, porque o milho está aí. E houve decisões nessa matéria. Dentro de poucos dias, os efeitos vão se fazer sentir, eu espero – segunda-feira, disse o Ministro –, vão se fazer sentir porque o Governo vai comprar. E, ao comprar, evita uma queda. Já houve melhoria de preços. Embora eu não seja especialista na matéria, tenho informações. E até no local já houve melhoria de preços da saca de milho.

Tem problemas na fronteira – eu sei que tem –, mas já houve um começo de reação, e vai haver reação, porque o Governo está decidido a sustentar o preço do milho.

Isso não vai resolver o problema, por exemplo, do arroz. E o Governo também sabe disso. O Governo também sabe que essa matéria terá de ser enfrentada. Mas eu serei feliz, como começo a ser, no dia em que eu já começar a poder separar, no futuro – que não vai ser repensando o passado –, o que acontece com um setor ao qual posso dar atenção mais imediata, Deputado, daquilo que acontece com outro cuja solução talvez tenha que ser de outra natureza, de outro porte.

Quando as coisas têm que ser feitas, são feitas. Não vou mais longe numa reunião pública. Então, nós temos que discutir separando, vendo, caso a caso, não caso a caso do agricultor, mas setor por setor, e olhando o que fazer nesses setores.

Os senhores contarão com o meu estímulo, e tenho certeza de que os Ministros me ajudarão a buscar as soluções, porque as soluções hoje não são apenas na área agrícola, são também na área financeira. E elas estão sendo elaboradas.

O mundo ficou tão complicado nessa matéria que um próprio professor de sociologia fica perdido. Mas, ainda assim, mesmo perdido, com o auxílio de um e de outro, começo a entender alguma coisa aqui e outra coisa ali. E podem ter certeza de que não os deixarei ao desabrigo.

E vou pedir mais: vou pedir que, tendo alguma idéia, solução ou crítica, falem, falem. Falem até comigo se quiserem. Digo “até” porque, às vezes, é difícil, na minha agenda.

Hoje aqui é muito bom porque é uma manifestação que estimula, e é reunião de trabalho: aqui temos deputados, senadores, gente que tem experiência, presidentes de federações, governador, ministro. Tenho certeza de que vamos chegar lá. E não é dizer isso para deixar para depois.

O Ministro acabou de dizer que na segunda-feira já começa. Autorizamos que houvesse dinheiro externo para financiar. Hoje é mais difícil do que foi ontem, mas ainda assim se está conseguindo alguma coisa.

Vi, também na telinha, o Ministro Malan dar declarações sobre os quantitativos que ele estaria pondo à disposição da agricultura agora. Nunca é o que se deseja, mas sempre é um sinal de que se vai avançar mais.

De modo que vamos continuar trabalhando com afinco, não escondendo as coisas, reclamando, quando venha a ser o caso, mas juntos, juntos, porque o momento do Brasil exige isso, exige a nossa compreensão das nossas responsabilidades como produtores, como consumidores, como parlamentares, como líderes de associações de classes e como governantes.

Não vamos deixar passar uma oportunidade tão boa do Brasil, de nós acertarmos essas questões.

Vamos dar um prazo, digamos – para a gente ter um horizonte de como vai ser o plantio do ano que vem – de uns poucos meses, porque, senão, quando chegar julho e não tiver nada, será tarde. Se vier a solução técnica perfeita, depois, como disse, que a natureza já ditou as

regras, nós vamos ficar olhando o tempo passar, chorando o leite derramado. E não adianta nada. Tem que ser com rapidez.

Não é para me desculpar, mas é que eu, seguramente, nesses três meses de governo, na verdade desencadeei muitas transformações.

Mandei ao Congresso emenda sobre a questão relativa à quebra de monopólios, mandei emendas sobre a questão da Previdência, chacoalhámos a Educação, desapropriei 1 milhão de hectares de terra para poder resolver as questões, inclusive dos sem-terra do Rio Grande do Sul; desapropriamos fazendas no Rio Grande do Sul para poder acertar essas questões. Vamos lançar um forte programa sobre mortalidade infantil, do Ministério da Saúde. Como eu disse no discurso de posse, mexi em vespeiro. Mas para que a gente é eleito? É para mexer em vespeiro, não é isso? Às vezes a abelha pica, mas, quando pica muito, ela vacina. Então, a gente fica vacinado, já não tem mais medo de vespeiro e enfrenta com tranquilidade.

Agora que já mexemos em tantos vespeiros, vamos mexer em alguns outros mais. Vejo aqui o Deputado Ponte, que hoje de manhã já falou comigo sobre outro vespeiro, em que ele vai mexer, que é a reforma tributária. O Governo tem posição sobre a reforma tributária, vai ajudar, entende a cooperação do Deputado Ponte. Vamos ver a que ponto vamos chegar. Eu não vou fugir da raia em nenhuma matéria, nenhuma matéria. Não tenho razão para fugir da raia, desde que nós não fuçamos; não sou eu: nós, juntos; se nós não fugirmos da raia – e não vamos fugir – vamos ter um Brasil melhor. E vamos pensar realmente muito é no colono, é no meeiro, é naquele pequeno produtor, é naquela pessoa que está lá na terra e que a gente sabe que tem dificuldades.

A gente sabe, muitas vezes, que o sujeito jogou tudo que tinha lá e depois não tem nem como chegar ao banco, muitas vezes, para pedir alguma coisa.

Para quem anda no Brasil, como eu ando, para quem conhece o Brasil como nós conhecemos, a gente sabe que a agricultura é fundamental, fundamental. O Brasil não pode crescer sem ter uma política agrícola que seja uma coisa sustentada.

Ficarei feliz se, daqui a quatro anos, deixar o Governo tendo visto que, finalmente, aqui há horizonte e os fundamentos estão postos. A herança foi pesada. Não é herança do Presidente Itamar, pois eu ajudei o Presidente Itamar a começar a endereçar no caminho certo. A herança vem de muito longe. E, no caso da agricultura, meu Deus, o que foi feito em 1990/1991 é um desmonte, um desmonte, que nós agora estamos aí, pouco a pouco, tentando remontar. Isso não é escusa, mas é para incitar a mim mesmo e aos senhores, que está na hora de construir. Já desmontaram muito. Vamos construir, e vamos construir juntos.

Muito obrigado a vocês.